

## OS GRIÔS E A HISTÓRIA ORAL DA ÁFRICA

Camylla Oliveira Maia

Universidade Estadual de Goiás – UEG/UnU Porangatu

Beatriz Lemos da Cruz Silva

Universidade Estadual de Goiás – UEG/UnU Porangatu

Luis Rafael da Silva Valadão

Universidade Estadual de Goiás – UEG/UnU Porangatu

### INTRODUÇÃO

No amplo panorama da História, muitos são os tesouros que se escondem nas entrelinhas das narrativas transmitidas oralmente pelos griôs. Nas terras ancestrais da África, um grupo especial de indivíduos emergiu como guardiões do conhecimento, preservando a riqueza histórica através de eras: os griôs. Neste artigo, exploraremos a tradição oral africana, e a importância vital dos griôs na transmissão e preservação da História oral. A oralidade tem sido um pilar essencial na preservação da memória coletiva e do conhecimento ao longo dos séculos em várias sociedades. No que tange as sociedades africanas, onde a escrita era limitada em muitas culturas, sobretudo até os primeiros contatos com outros povos, a oralidade desempenhava um papel fundamental na transmissão dos eventos passados, dos feitos heroicos e das lições aprendidas.

Dotados de excepcionais habilidades de oratórias, esses sábios detêm a responsabilidade sagrada de transmitir a história, a cultura e a identidade de suas comunidades. Os griôs são mais do que meros contadores de histórias, são, sobretudo, cronistas vivos com profundo conhecimento das genealogias, tradições e eventos significativos de suas sociedades, além do mais, são conselheiros, educadores e guardiões da moralidade, transmitindo ensinamentos valiosos que moldam a cosmovisão das comunidades africanas. Ao valorizarmos a tradição oral como fonte de conhecimento histórico, reconhecemos o papel fundamental desempenhado pelos griôs na salvaguarda das narrativas africanas, embora essas histórias muitas vezes tenham sido negligenciadas ou subestimadas pela tradição histórica ocidental, a compreensão completa

e precisa da História africana exige a apreciação da riqueza e da autenticidade encontradas nas vozes dos griôs.

Este trabalho, tem como objetivo refletir sobre os griôs e sua influência na transmissão da História oral africana. Busca a valorização e o resgate dessa tradição ancestral, enriquecendo nosso entendimento do passado africano e fortalecendo o compromisso de preservar as narrativas que moldaram as sociedades africanas e sua contribuição para a história humana e desconstruir narrativas colônias enraizadas em nossas mentalidades por gerações.

Além disso, ao explorar a tradição oral africana, podemos questionar a hegemonia dos registros escritos ocidentais como a única fonte legítima de conhecimento histórico, além de conceber novas concretudes nas relações étnico-raciais. Reconhecer a importância da tradição oral como uma forma válida de preservar e transmitir a História nos convida a repensar nossos métodos de pesquisa e a considerar novas abordagens para a construção de narrativas históricas. Dessa forma, este artigo visa preencher essa lacuna na pesquisa acadêmica, destacando a relevância dos griôs e da tradição oral africana como fontes cruciais para a compreensão da história do continente. Ao fazê-lo, esperamos contribuir para um diálogo mais inclusivo, promovendo a valorização da diversidade cultural e histórica da África e sua contribuição para a história global.

Por fim, é essencial considerar a diversidade cultural e a multiplicidade de experiências dentro do continente africano. Embora o artigo busque fornecer uma visão geral sobre os griôs e a história oral da África, é importante reconhecer que cada grupo étnico e região possuem suas próprias tradições únicas e nuances históricas que podem não ser totalmente abrangidas neste trabalho. Dessa forma, é fundamental ter em mente essas limitações ao interpretar e avaliar as descobertas apresentadas neste artigo, reconhecendo que há muito mais a ser explorado e pesquisado sobre os griôs e a rica história oral da África.

## HISTÓRIA DOS GRIÔS

A sociedade africana ocidental e com mais ênfase no grupo étnico da África Ocidental, os mandês, que tinha os griot ou griô como a porta voz e interlocutor da identidade cultural africana através da verbalização, tendo um jeito especial para narrar história e com essa narração utilizava métodos para que o público alvo pudesse presta atenção utilizando a animação e performances caricatas, utilizando isso diferente de outros povos de outras regiões.

Assim, “O Griot é o grande animador; ele tem o segredo da animação do povo, de tudo, de cerimonia. O griot é alguém que sabe transformar mentiras em verdades. [...] Você pode virar um griot, mas não pode virar um djéli. [...] A palavra do djéli é sagrado; a palavra do griot não é sagrada” (Kouyaté, 2017 *apud* Pessoa, 2019, p. 41).

Dentro dessa sociedade, os griot são o guardião de memórias e das tradições dos ancestrais do antigo Mali e da região subsaariana, os griot trás relatos da história dos seus antepassados, da sua comunidade através de palavras faladas, trazidas com muita energia e alegria utilizando a musicalidade, danças e a poesia, trazendo uma grande atualização do passado com um novo jeito de transmitir mais cativante. A algumas hipóteses que se volta para o significado da palavra griot ou griô, que esse nome indica uma linguagem francesa, que associa essa linguagem com alguns escritos dos viajantes que significa trovadores e cantadores de história, com um olha voltada a perspectiva colonial. Os griot são mestre na arte de cantar com o corpo e com as palavras ao mesmo tempo podendo trata de religião, organização social, política, os saberes e costumes dos familiares ancestrais e reis.

Esses contadores de história eram considerados uns dos elementos transitórios fundamentais para circular entre as pessoas em busca dos seus aperfeiçoamentos para os repertorio da literatura oral, pois eles recebiam informação é também repassava conforme sua concepção e experiencia de vida, e também conforme os anexos de elementos sociais, naturais e sobrenaturais. Esse conhecimento transmitido pela palavra é sim de fato uma herança que os antepassados deixavam para os seus sucessores, com isso acabava obtendo essa ligação entre o passado e o presente. Desse modo,

A carga simbólica da cultura autóctone, permitindo-se a sua manutenção e contribuição para que esta mesma cultura possa resistir ao impacto daquela outra que lhe foi imposta pelo dominador branco-europeu e que na letra a sua mais forte aliada. A milenar arte da oralidade difunde as vozes ancestrais, procura manter a lei do grupo, fazendo-se por isso um exercício de sabedoria (Padilha, 2007, p. 35 *apud* Duarte, 2007, p. 183).

Os griot em cada região africana levava um nome diferente sendo referido com Jali (em mandês), gowel (em wolof), iggawer (em hassania) ou arokin (em iorubá). Os contadores de história não só utilizavam a oralidade mais também diversos instrumentos para trazer melhor essa transmissão de conhecimentos através equipamentos, e os mais utilizados eram: o kora,

xalam, goje, balafon e o ngoní. Além de todos esses conhecimentos e dessas transmissões de histórias dos antepassados eles também viajavam entre países firmando tratados comerciais, ensinavam as crianças a dançar, contavam histórias dos seus ancestrais, cantava.

[...] é a descoberta das paixões transacionais – pela paz, pela justiça, pelos direitos e pela igualdade – que nos permite lidar com um mundo que se encontra, ele mesmo em processo de rápida transição cultural e tecnológica. Isto faz com que seja imperativo que as nossas ideias e crenças mais arraigadas – as coisas por que vivemos os sonhos por que morremos – sejam traduzidos para a narrativa de uma nova ordem mundial. O mundo global, o nosso patrimônio terreno, mas também um patrimônio a que aspirar temos mais do que nunca, necessidade do direito a narração (Bhabha, 2007 *apud* Duarte, 2007, p 184).

Os griot tinha a oralidade como sagrada, para eles tinha o poder de transmissão de paz. Pape Babou Seck, senegalês, esteve no Rio de Janeiro no ano de 2018, ele sendo um griot diz que no país dele não há guerras devidas esse costume da oralidade, de tratar as coisas na brincadeira, evitando conflitos desnecessários tendo uma convivência bem humorada, e também tendo o auxílio dos griots que traz esperança alegre os corações das pessoas.

### PRESERVAR E RESPEITAR: A CULTURA E AS TRADIÇÕES DOS GRIÔS

Para compreender plenamente o papel dos griôs na tradição oral da África, é essencial mergulharmos nas profundezas da história, explorando as raízes e a evolução desse importante grupo de contadores de histórias. A história dos griôs origina-se desde os tempos passados quando civilizações antigas começaram a se desenvolver nas vastas terras do continente africano. Conforme o que pontua Hampâté Bâ (2010) os griôs, também conhecidos como djéli ou jeliw, surgiram em sociedades que valorizavam a sabedoria transmitida oralmente. Sua origem remonta às sociedades tradicionais do oeste da África, onde se destacavam como depositários do conhecimento e da história de suas comunidades, eles pertenciam a castas ou linhagens específicas e desempenhavam um papel hereditário, transmitindo seus conhecimentos de geração em geração.

Ao longo dos séculos, os griôs se estabeleceram como figuras respeitadas e reverenciadas nas sociedades africanas. Eles dominavam as habilidades orais, dominavam a arte da palavra e eram os guardiões da tradição oral. Sua formação exigia anos de aprendizado,

sob a tutela de mestres griôs mais experientes, durante esse período de formação, eles absorviam as narrativas, os mitos, as genealogias e as canções que compunham o rico tecido cultural de sua comunidade. Os griôs desempenhavam papéis multifacetados em suas sociedades, eles eram historiadores, encarregados de preservar as memórias coletivas e transmitir a história oral de suas comunidades. Eram poetas, capazes de improvisar versos e canções em homenagem a figuras importantes ou eventos significativos, além disso, eram conselheiros, educadores e mediadores, utilizando seu conhecimento e sabedoria para orientar suas comunidades em momentos de conflito ou tomada de decisões importantes (Ki-Zerbo, 2010).

A importância de preservar e respeitar a cultura e as tradições dos griôs não pode ser subestimado. Eles são os guardiões vivos da história africana, detentores de um conhecimento rico e valioso que se estende por séculos. Ao respeitar e valorizar a cultura dos griôs, estamos honrando a herança e a identidade das comunidades africanas. Além disso, a preservação da tradição oral dos griôs é essencial para a compreensão completa e precisa da história africana. Através de suas narrativas, mitos e genealogias, os griôs revelam aspectos importantes da vida cotidiana, das conquistas, das crenças e dos desafios enfrentados por seus antepassados. Suas histórias fornecem uma visão íntima das experiências e da resiliência das comunidades africanas, que muitas vezes foram marginalizadas ou negligenciadas nos registros históricos ocidentais, assim,

Um dos fatores verificados durante a colonização europeia em África está relacionado com a ideia de modernizar as sociedades africanas, isto é, introduzir a mudança social tanto de modo de pensar, falar, vestir e dentre outros, abrangendo a cultura e inclusive fortalecendo o apagamento das identidades africanas oriundas da tradição e oportunizando a assimilação em massa dos povos nativos. Com base nisso é percebida que a modernização, urbanização, industrialização e o desenvolvimento das sociedades africanas, eram os temas que interessavam os cientistas sociais e historiadores para analisarem o passado e o presente em África. (Correia, 2022. p.308).

Preservar e respeitar a cultura e as tradições dos griôs é, portanto, um ato de justiça histórica e uma forma de empoderar as comunidades africanas. É um chamado para ouvir suas vozes, valorizar suas contribuições e reafirmar a importância do conhecimento transmitido oralmente como uma fonte legítima de história. Somente através desse respeito e valorização podemos enriquecer nosso entendimento do passado africano e construir uma narrativa

histórica mais inclusiva e abrangente.

#### FUNDAMENTOS DA HISTÓRIA ORAL

A história oral fundamenta-se na premissa de que a experiência individual é uma fonte legítima de conhecimento histórico. Ao dar voz aos sujeitos que viveram determinados períodos ou eventos, essa abordagem busca complementar e, em alguns casos, até mesmo corrigir as narrativas históricas tradicionais, que muitas vezes privilegiam fontes escritas e oficiais. Através da coleta de depoimentos, entrevistas e testemunhos, a história oral oferece uma perspectiva mais inclusiva e diversa da história. Os fundamentos da história oral baseiam-se em algumas premissas essenciais que dão sustentação a essa abordagem metodológica. Diversos autores têm contribuído para o desenvolvimento teórico dessa área, fornecendo insights e reflexões importantes. A história oral busca complementar e, em alguns casos, até mesmo corrigir as narrativas históricas tradicionais, que muitas vezes privilegiam fontes escritas e oficiais. Paul Thompson, um dos pioneiros da história oral, enfatiza a necessidade de incorporar as perspectivas dos "anônimos" da história, cujas vozes podem ter sido negligenciadas pelos registros escritos (Silva; Rolkouski, 2021)

A história oral valoriza a memória individual e coletiva como forma de compreender o passado. Para Michel de Certeau (1996), a memória é uma forma de resistência, uma maneira de se contrapor às narrativas dominantes. A subjetividade dos relatos individuais é considerada uma riqueza, uma vez que permite a compreensão dos sentimentos, percepções e valores dos sujeitos históricos, desse modo, “[...]os relatos de lugares são bricolagens. São feitos com resíduos ou detritos de mundo. [...] O material é-lhe fornecido pelos restos de denominações, de taxinomias, de predicados heroicos ou cômicos etc., ou seja, por fragmentos de lugares semânticos dispersos” (1996, p. 188).

Nesse sentido, a memória promove a inclusão da história oral de diferentes pontos de vista e experiências, buscando uma análise mais plural da história. Ronald Grele (1998, p. 38-52) assevera que “[...] a história oral não se trata simplesmente de entrevistar pessoas para coletar fatos. Trata-se da interação entre o entrevistador e o narrador, e de como essa interação molda a criação da memória histórica.” Ainda destaca que a história oral contribui para a quebra de monopólios de interpretação e permite uma visão mais abrangente e multifacetada dos eventos históricos. A história da oralidade envolve os sujeitos pesquisados de forma ativa,

engajando-os no processo de construção do conhecimento histórico. Alessandro Portelli (1997) argumenta que o diálogo entre o pesquisador e os entrevistados é fundamental para a compreensão dos contextos e significados dos eventos passados.

Conforme a história oral oferece diversas contribuições significativas para o campo acadêmico, que vão além do enriquecimento das fontes de pesquisa e proporcionam uma compreensão mais abrangente e complexa dos eventos históricos. Algumas das principais contribuições da história oral para o campo acadêmico, são: a história oral permite a inclusão de fontes não escritas, ampliando o conjunto de materiais disponíveis para a pesquisa histórica. Ao dar voz aos sujeitos que viveram determinados períodos ou eventos, a história oral proporciona um acesso direto às experiências, memórias e perspectivas individuais que complementam e enriquecem as narrativas históricas existentes. A história oral, acaba por desafiar interpretações hegemônicas e privilegiadas da História ao incorporar diferentes pontos de vista e experiências individuais, ela oferece uma visão mais plural e diversa dos eventos históricos. Essa abordagem contribui para a democratização da História, dando voz aos grupos marginalizados e permitindo que suas histórias sejam contadas e valorizadas. Ao trazer à tona perspectivas individuais e testemunhos diretos, ela pode revelar contradições, lacunas e omissões presentes nas narrativas oficiais. Isso promove um olhar crítico sobre as construções históricas e desafia interpretações unilaterais ou enviesadas.

Ao valorizar a memória coletiva como um componente essencial para a compreensão do passado, a História oral ajuda a preservar e transmitir as memórias individuais e coletivas, contribuindo para a construção da identidade de comunidades, grupos étnicos, movimentos sociais, entre outros. Dessa forma, a história oral promove um senso de pertencimento e fortalece os laços sociais e culturais, incentivando a participação ativa dos sujeitos pesquisados, engajando-os no processo de construção do conhecimento histórico. Em resumo, a história oral contribui para o campo acadêmico ao ampliar as fontes de pesquisa, promover uma visão plural e diversa da história, questionar narrativas oficiais, valorizar a memória coletiva e envolver ativamente os sujeitos pesquisados. Essas contribuições têm um impacto significativo na produção de conhecimento histórico mais abrangente, inclusivo e sensível às diversas perspectivas históricas.

Através da história oral, são resgatadas histórias que podem ter sido negligenciadas ou excluídas das narrativas históricas oficiais. Isso promove uma memória coletiva mais inclusiva,

que abarca uma diversidade de experiências, identidades e perspectivas. Ao ouvir as vozes dos sujeitos menos representados, a história oral contribui para uma visão mais justa e equilibrada do passado, evitando a marginalização de certos grupos ou eventos. A história cria uma ponte entre gerações, permitindo que a memória coletiva seja transmitida de uma maneira mais viva e pessoal.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo explorou a profunda relevância dos griôs na preservação da história e cultura da África Ocidental, destacando seu papel não apenas como contadores de histórias, mas também como educadores, conselheiros e historiadores. A tradição oral africana, frequentemente negligenciada em abordagens ocidentais de historiografia, emerge como um método rico e válido de transmissão de conhecimento, que carrega em si a vivência e os valores das comunidades.

Ao examinar a importância dos griôs, compreendemos que suas histórias vão além da simples narração de eventos, tornando-se instrumentos de resistência cultural e preservação da identidade coletiva. Sua prática desafia a hegemonia dos registros escritos, mostrando que a memória e a oralidade são fontes essenciais para uma narrativa histórica inclusiva.

As limitações de acesso a registros detalhados e a subjetividade inerente à tradição oral foram reconhecidas, mas não desmerecem a importância desse método de transmissão de conhecimento. Em vez disso, destacam a necessidade de uma apreciação mais crítica e abrangente das diferentes formas de historiografia.

Por fim, preservar e valorizar a cultura dos griôs é essencial para reconhecer as contribuições africanas à história global. Além de enriquecermos o entendimento sobre o passado africano, isso fortalece o compromisso de romper com narrativas coloniais e promover uma visão mais justa e diversificada da história.

#### REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CORREIA, N. A relevância da tradição oral nas sociedades africanas contemporâneas. Njinga & Sepé: **Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**, São Francisco

do Conde - BA, vol. 2, jul./dez. 2022, n. 2, p. 304-321.

DUARTE, Z. A tradição oral na África. Estudos de Sociologia. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, v. 15, n. 2, p. 181-189. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/download/235328/28321>. Acesso em: 03 ago. 2024.

GRELE, R. J. **Movimento sem objetivo**: Problemas metodológicos e teóricos na história oral. In: PERKS, R.; THOMPSON, A. (Eds.). *The Oral History Reader*, 1998. p. 38-52.

HAMPÂTÉ BÂ, A. Tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Org.). **História Geral da África: Metodologia e pré-história da África**. Vol. I. Brasília: UNESCO/MEC/UFSCar, 2010. p. 167-212.

KI-ZERBO, J.; et al. **História Geral da África**—Vol. I—Metodologia e pré-história da África. 2. ed. Brasília: UNESCO/MEC/UFSCar, 2010.

KOUYATÉ, T. **Existe um segredo entre nós**: a trajetória do djéli contemporâneo: Toumani Kouyaté. Entrevista concedida à Mônica Pessoa. Saint-Nazaire, jul. 2017.

PORTELLI, A.; et al. O que faz a história oral diferente. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 14, 1997.

SANTIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 27, e2020011, 2020.

SILVA, H.; ROLKOUSKI, E. **A(s) voz(es) do passado – História Oral**: Paul Thompson x Philippe Joutard. Rio Claro: UNESP, 2021.